

NÃO ESCREVER [COM ROLAND BARTHES], UM ENSAIO DE PALOMA VIDAL

Katerina Blasques Kaspar¹

Resumo: resenha do ensaio *Não escrever [com Roland Barthes]*, de Paloma Vidal, publicado na coleção Ensaio Aberto, organizada por Tatiana Salem Levy e Pedro Duarte, pela editora Tinta-da-China (Brasil). Nesta obra, Vidal apresenta quatro textos que integram um projeto literário mais amplo, chamado *Não escrever*, realizado a partir de 2013 em formatos diversos: palestras performáticas, diário, aulas, livro *cartonero*. O ensaio, tanto quanto o projeto, apresentam uma exploração da prática do não escrever, a partir de uma aproximação da obra e da biografia de Roland Barthes.

Palavras-chave: Paloma Vidal; Roland Barthes; Não escrever; Desejo de escrever.

NÃO ESCREVER [COM ROLAND BARTHES], AN ESSAY BY PALOMA VIDAL

Abstract: review of Paloma Vidal's essay *Não escrever [com Roland Barthes]*, part of Ensaio Aberto collection, proposed by Tatiana Salem Levy and Pedro Duarte, at Tinta-da-China (Brasil) publisher. Vidal presents four texts which integrate a literary project also called *Não escrever*, started at 2013 and occurring in different formats: performative lectures, diaries, classes, a *cartonero* book. The essay, as the whole project, explore the practice of the not-writing, from an approach to Roland Barthes' work and life.

Keywords: Paloma Vidal; Roland Barthes; Não escrever; Writing desire.

O ensaio *Não escrever* é mais uma das manifestações do projeto homônimo de Paloma Vidal², cuja composição é formada por palestras performáticas, viagens, diários, um livro *cartonero* e, em 2023, a publicação na coleção *Ensaio Aberto*, pela Tinta-da-China. Como a própria autora salienta na apresentação do livro, *Não escrever* se inicia a partir de uma impossibilidade pessoal de escrever, motivada por eventos externos e diversos de um contexto histórico-político conturbado, que afetam e dificultam a realização de uma escrita (p. 8). A partir dessa percepção, Vidal propõe um projeto de pesquisa, para estudar o romance não escrito de Roland Barthes –

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras Estrangeiras e Tradução da Universidade de São Paulo. Mestre em Estudos Literários e Culturais pelo mesmo programa. Contato: kate.kaspar@gmail.com.

² Para conhecer mais sobre o projeto *Não escrever*, recomendamos acessar o site de Paloma Vidal, em que há algumas referências às palestras performáticas: <<https://www.ondeeuaoestou.com/performances>>. A esse projeto de Vidal, dedicamos um projeto de pesquisa, no qual percorremos e reunimos a multiplicidade expressiva pela qual a escritora transitou e observamos como ela explorou a prática do não escrever. Cf. KASPAR, Katerina Blasques. **Escrevemos quando não escrevemos:** a literatura do enquanto. 2022. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários e Culturais). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. doi:10.11606/D.8.2022.tde-13022023-174728.

cujos oito fólhos existentes, reunidos sob o título *Vita Nova*, apresentam um plano do se acredita que teria sido um romance³.

O projeto de pesquisa de Vidal, que em sua proposição já reivindicava a busca por um formato que escapasse dos limites estritamente acadêmicos, multiplicou-se e transformou-se em uma série de realizações distintas, que apontam para fora do objeto do livro e para um desejo de escrever um romance, em uma empreitada que se enquadra nas discussões contemporâneas sobre a literatura fora de si⁴. Como a própria Vidal salienta na apresentação do livro ao concentrar-se na palavra *recherche* (p. 8), *Não escrever* transita e reúne o percurso duplo da própria escritora: acadêmico e literário.

Roland Barthes resulta ser o escritor escolhido para se viver junto, o que, pela leitura da primeira parte do ensaio – “Resistir a Barthes” – parece ser um aceite de Vidal à proposta do próprio Barthes em *Sade, Fourier, Loyola*, já que a escritora realiza em suas experiências do não-escrever a incorporação de “fragmentos de inteligível” barthesianos (p. 19).

O ensaio se divide em cinco partes, cada qual tendo circulado anteriormente, de maneira escrita ou como palestra performática, conforme a própria autora indica no final do livro (p. 122). O ensaio abre com “Resistir a Barthes”, um texto apresentado na forma de um roteiro de palestra performática, em versos, em que vemos a todo tempo referências a uma possível projeção de apresentação em uma tela e diferentes elementos, como imagens e música, que compuseram a apresentação. Nessa parte inicial do livro, a narradora nos oferece o que seria uma leitura anotada de pessoas que eram próximas a Barthes e que escreveram sobre ele, como Antoine Compagnon (p. 15-18) e Éric Marty (p. 23-26). Como se fosse um refrão, ela se questiona sobre os motivos para escrever, ecoando a Barthes, por meio da leitura de Tiphaine Samoyault (p. 28-29) e sua relação com a escrita.

A segunda parte do ensaio, “Cadernos com R.B.”, é apresentada como um “diário de viagem” (p. 35) e inclui anotações de leituras, como da biografia de Barthes escrita por Tiphaine Samoyault, ou a transcrição das aulas do curso de *A preparação do romance*. Essas anotações aparecem situadas em meio a descrições de situações diárias, como o apartamento em que está hospedada com seus filhos, na estada em Paris para sua pesquisa sobre Barthes, ou a divagações em torno da pessoa que lhe emprestou o apartamento, Magali.

A terceira parte do ensaio, “Não escrever”, se trata de uma narrativa entrecruzada: de um lado, temos uma pesquisadora, acompanhada por seu filho, passando uma temporada de pesquisa na França, para estudar o não-escrever de Barthes. Por outro lado, temos a ficcionalização de uma viagem de Barthes – aqui como personagem – visitando São Paulo. O texto é distribuído em seções, que se

³ Sobre o projeto de romance de Barthes, recomendamos a consulta à obra PINO, Claudia Amigo. **Roland Barthes**: a aventura do romance. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.

⁴ Sobre isso, consultar por exemplo os trabalhos de Florencia Garramuño e de Nathalia Brizuela. Cf. GARRAMUÑO, Florencia. **Frutos estranhos**. Sobre a inespecificidade na estética contemporânea. Rio de Janeiro: Rocco, 2014; BRIZUELA, Natalia. **Depois da fotografia**: uma literatura fora de si. Trad. Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Rocco, 214.

repetem de modo intercalado, e inclui fotografias. Esse trecho do ensaio já fora antes publicado de modo independente, como livro *cartonero*, fruto de um convite anterior feito a Paloma Vidal por Idália Morejón, que, como a autora reconhece, foi quem “[...] pela primeira vez [lhe] fez ver que podia ter sentido publicar o que havia sido escrito para ser falado” (p. 124).

A quarta parte do ensaio, “De minha janela”, insiste sobre uma passagem do curso *Como viver junto*, oferecido no ano letivo de 1976-1977, em que Roland Barthes observa de sua janela uma mãe e um filho caminhando de mãos dadas e seu ritmo descompassado. A narradora explora a relação entre a maternidade e a pesquisa, e o próprio ofício de escrever, quando por exemplo elabora: “Uma mãe-pesquisadora, ou uma pesquisadora-mãe, é uma mulher que carrega filhos para suas pesquisas. Sobre Roland Barthes, por exemplo. E às vezes eles simplesmente não querem ir.” (p. 89). A passagem inclui fotografias, *QR codes* direcionando a vídeos, e citações, e alude à relação de Barthes com a política, assim como nas partes anteriores do ensaio – especialmente em “Resistir a Barthes” e em “Não escrever” (p. 94).

“Nunca mantive um diário” encerra o ensaio, texto que se apresenta como uma espécie de conferência de congresso, ao situar o projeto *Não escrever* e sua pesquisa sobre Barthes, e se referenciar a seu curso de *A preparação do romance* (1978-80) e aos diários de Barthes, especialmente “Noites de Paris” e “Deliberação” (p. 106-109). No desfecho da seção, vemos novamente um trecho de “Não escrever”, narrado por duas vozes: a da pesquisadora, indicando sua viagem a Paris para pesquisar o não escrever de Barthes (p. 116), e a de seu filho, mostrando sua perspectiva sobre a viagem, sobre o retorno, e sobre o medo (p. 117-118).

Na apresentação do livro, Vidal guia seus leitores ao indicar que todos os textos, salvo “Cadernos com R.B.”, foram apresentados a um público, como “palestras-performance” (p. 8). Ao final da publicação, ela dá indicações mais precisas sobre as ocasiões de apresentação e reincidências daqueles textos, como mencionamos, que na atual publicação orbitam em torno de uma unidade: o ensaio. Nas partes do ensaio intituladas “Resistir a Barthes” (p. 12-31), “Não escrever” (p. 48-83) e “De minha janela” (p. 84-101), os leitores se deparam com uma mancha gráfica que evoca versos de poesia, de um texto entrecortado por espécies de versos, divididos por títulos, em caixa alta ou em negrito. Esses textos, ora anotados por questões ou observações, ora intercalados por menções a imagens ou imagens propriamente, ou páginas vazias, ou mesmo *QR codes* que dão acesso a vídeos, nos convidam, a todo tempo, a olhar para fora do livro. Seja fisicamente, ao acessar os materiais de mídia, seja quando os títulos, as anotações, as questões e os comentários, por seu aspecto gráfico de interrupção, nos indicam uma parada e um respiro, nós, leitores somos vamos sendo introduzidos a um reiterado desejo: aquele de sair da leitura e de adentrar a escrita. Ainda, a maneira como está composto o ensaio, em parte pelo aspecto de versos, em parte pelos longos parágrafos – como é o caso de “Cadernos com R.B.” e “Nunca mantive um diário” – pode remeter a características da oralidade, evocando a leitura poética, em voz alta, ou um monólogo

oral, ou quem sabe ainda instigando seus leitores a compartilharem sua leitura pela voz.

O ensaio de 2023 nos aponta para fora de si, direcionando nosso olhar à preparação de dois romances de Vidal, que foram se formando enquanto o projeto *Não escrever* ainda estava em curso. Um deles é apresentado de modo explícito, no próprio ensaio, quando uma voz em primeira pessoa nos conta: “Um pouco antes eu tinha começado/ a escrever um romance.” e logo na sequência nos apresenta um trecho de seu romance de 2020, *Pré-história*. Quando “Resistir a Barthes” havia sido apresentado, em maio de 2019 (p. 122), o romance ainda não havia sido publicado. Já o segundo, ainda que não esteja indicado explicitamente no interior do ensaio, a ele está relacionado, quando sabemos, pelas outras manifestações de *Não escrever* de sua relação com o romance mais recente de Vidal, *La banda oriental* (2021)⁵.

Ao publicar *Não escrever* em forma de livro, a autora consegue complicar esse objeto e o lugar que ele ocupa na literatura. Poderíamos pensar que, ao realizar as palestras performáticas e o livro *cartonero*⁶, por exemplo, Vidal pôde dar valor e espaço a seu processo de preparação das obras, algo que inclusive era o preceito de um dos projetos que atravessam *Não escrever*: o ciclo de palestras performáticas *Em Obras*⁷. Como as palestras performáticas e o livro *cartonero*, o ensaio *Não escrever*, por sua descontinuidade e sua heterogeneidade, parecem habitar mais o espaço de vestígio da preparação de romances, da inscrição de um desejo de escrever, do que efetivamente de um livro acabado.

Nesse sentido, vale a pena evocar a estudiosa do campo da performance, Diana Taylor, e seus conceitos de arquivo e de repertório. Se o primeiro abarca tudo aquilo que é da ordem do material, supostamente perene e estável, o segundo inclui tudo aquilo que é tido como passageiro, imaterial, efêmero. O que problematiza Taylor é justamente a separação, artificial, das duas categorias, mostrando como há modalidades que transitam entre as duas supostas categorias⁸.

O ensaio de Vidal poderia ser, assim, incluído nesse trânsito, quando no projeto maior de *Não escrever* parece ocupar um espaço de igual valor em relação às outras manifestações, como as palestras performáticas e o livro *cartonero*. Ao nos determos

⁵ Cf. KASPAR, *op. cit.*

⁶ Trata-se da realização manual de livros, usando papelão e materiais de fácil acesso, prática que se inicia em contexto político-econômico de crise na Argentina (2001), a partir da iniciativa de Eloísa Cartonera. Cf. BILBIJA, Ksenija. ¡Cartoneros de todos los países, uníos!: Un recorrido no tan fantasmal de las editoriales cartoneras latinoamericanas en el tercer milênio. In: BILBIJA, Ksenija; CARBAJAL, Paloma Celis (org.). *Akademia Cartonera: a Primer of Latin American Cartonera Publishers*. Madison, Wisconsin: University Of Wisconsin–Madison Libraries, 2009. p. 1-16. Disponível em: <<https://digicoll.library.wisc.edu/cgi-bin/Arts/Arts-idx?type=header&id=Arts.AkadCartOrig>>

⁷ O ciclo reúne artistas mulheres para apresentarem no formato de palestras performáticas obras em curso, dando espaço inclusive ao fracasso. Mais do que meros processos de composição, as apresentações e experiências realizadas no ciclo podem ser consideradas em si próprias obras acabadas. Cf. <<https://cicloemobras.wordpress.com/>>.

⁸ Discutimos o tema da performance em *Não escrever*, a partir da reflexão de Taylor e de outros autores e estudiosos das artes performáticas em trabalho anterior. Cf. KASPAR, K. B. Quando não escrevemos, escrevemos: a performance na escrita de si. **Opiniões**, [S. l.], n. 16, p. 17-40, 2020. DOI: 10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2020.165634. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/165634>.

na imagem da capa, ilustração assinada por Pedro Serpa, podemos pensar que os tentáculos do polvo vermelho, ainda que apontem para caminhos diversos, reenviam sempre a um centro, uma mesma questão, que é aquela do *não escrever*. Em qual melhor forma poderia caber – no caso de um livro – senão no ensaio, esse gênero que escapa a um consenso dentre os intelectuais e a uma rigidez material, ainda mais quando associado à palavra “aberto”, presente no nome da coleção.

O arranjo realizado pelos organizadores da coleção, Tatiana Salem Levy e Pedro Duarte. A coleção “Ensaio Aberto” é inaugurada por dois ensaios que se dedicam a autores cujos textos muitas vezes foram (e seguem sendo) tidos como inclassificáveis: Georges Bataille, por Eliane Robert Moraes, e Roland Barthes, por Paloma Vidal. Ainda, como seus organizadores indicaram em um dos lançamentos da coleção, em 24 de outubro de 2023, no Centro Universitário Maria Antônia (USP), a iniciativa se realiza em múltiplos entrelugares: entre dois países, Brasil e Portugal; entre duas instituições, a Puc-Rio e a Universidade Nova de Lisboa; entre o trabalho acadêmico e a escrita ensaística. *Ensaio Aberto* é permeada de encontros fugitivos cujos rastros se inscrevem nos livros da coleção.

No caso de *Não escrever*, seu formato fragmentário, tomado por interrupções e por ideias que parecem ainda estar em fase de anotação de leitura, pode gerar estranhamento em leitores que esperem um formato mais convencional de texto. Esse ensaio que participa de um projeto, o *Não escrever*, cujo direcionamento sempre foi transitar por gêneros do entrelugar, como a palestra performática ou o próprio livro *cartonero*, encontra um espaço bem adequado também na coleção. É mais uma das obras que posiciona Paloma Vidal como escritora que se desloca por gêneros textuais variados, transitando por ambientes diversos – como o acadêmico, o literário, o tradutório – e incorporando em seu trabalho suas vivências pessoais, como esse livro faz prova. Essa escritora-crítica, que também é pesquisadora-mãe, tradutora-editora, professora-orientadora, apresenta com seu *Não escrever* um convite para adentrar um pacto de leitura mais dificultoso. Para aqueles que o aceitem, ficará também a tarefa de acompanhar sua autora nas investigações, a fim de buscar os textos referenciados ou anotados, estabelecer associações internas entre as cinco partes do ensaio, escapar do livro pelas lacunas abertas, e quem sabe assumir sua própria *recherche* e seu próprio desejo de escrever.

Referências

KASPAR, K. B. Quando não escrevemos, escrevemos: a performance na escrita de si. **Opiniões**, [S. l.], n. 16, p. 17-40, 2020. DOI: 10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2020.165634. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/165634>.

KASPAR, Katerina Blasques. **Escrevemos quando não escrevemos**: a literatura do enquanto. 2022. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários e Culturais). Faculdade

de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. doi:10.11606/D.8.2022.tde-13022023-174728.

PINO, Claudia Amigo. **Roland Barthes**: a aventura do romance. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.

SAMOYAULT, Tiphaine. **Roland Barthes**: biografia. Trad. Sandra Nitrini e Regina Salgado Campos. São Paulo: Editora 34, 2021.

VIDAL, Paloma. **Não escrever** [livro *cartonero*]. São Paulo: Malha Fina Cartonera, 2018.

VIDAL, Paloma. **Não escrever [com Roland Barthes]**. Org. Tatiana Salem Levy e Pedro Duarte. São Paulo: Tinta-da-China, 2023.

Submetido em: 06/12/2023

Aceito em: 12/05/2024